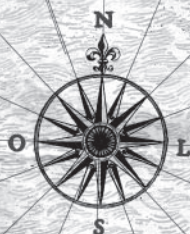


a campanha

vítor carmona



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Céret

Rosas

Vila Franca de Xira

● ● Benavente

● Lisboa

● Gibraltar

LOCALS
DA
NARRATIVA

*À minha mulher, Katia Santos,
pelo apoio incondicional,
e ao meu editor, Luís Corte Real,
pela aposta num autor desconhecido.*

PRÓLOGO



Passaram-se quatro anos sobre a tomada da Bastilha pelo povo de Paris, em Julho de 1789. O rei Luís XVI abolira o absolutismo e jurara a nova Constituição, sob os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A revolução fora inicialmente tolerada pelas monarquias europeias, que a viam como a evolução para um regime constitucional, mas a tomada das rédeas pelos radicais jacobinos e o ataque ao palácio real das Tulherias, aprisionando a família real e proclamando a República Francesa, atemorizou e encolerizou as monarquias europeias. A tentativa de fuga da família real e consequente julgamento por traição, que conduziu à execução pública do rei, na guilhotina, em Janeiro de 1793, foi a gota de água que conduziu à primeira coligação contra a França. A Inglaterra, a Áustria, a Prússia e a Espanha declararam fora da lei o novo regime francês e prepararam-se para invadir o país e esmagar a revolução antes que esta se alastrasse para o resto da Europa.

A Espanha, que abandonara a política de neutralidade em relação à França, concordou em aliar-se à Inglaterra e declarou guerra à República Francesa a 23 de Março. O novo primeiro-ministro espanhol, Manuel Godoy, defendeu, junto do embaixador português em Madrid, a importância de Portugal contribuir com forças militares, com base na aliança e na amizade entre as duas monarquias ibéricas, no combate aos revolucionários franceses.

Apesar de vozes internas contra o envolvimento de Portugal, a decisão final do governo foi de se aliar à Espanha e à Inglaterra através de acordos

bilaterais, como potência auxiliar, não se considerando, deste modo, oficialmente em guerra com a França.

Já com algumas unidades, que constituiriam o futuro Exército Auxiliar à Coroa Espanhola, em manobras e exercícios militares na charneca de Sintra, assinou-se finalmente, entre Portugal e Espanha, a 15 de Julho de 1793, uma convenção para mútuo auxílio na luta contra os franceses, que se repetiu entre Portugal e Inglaterra, dois meses mais tarde. A 20 de Setembro saía do Tejo uma frota de 14 navios transportando um contingente com perto de 5000 soldados em direcção à Catalunha, dando início à Campanha do Rossilhão.



CAPÍTULO 1



Na Rua de Campo de Ourique, em frente à taberna do senhor João Henriques, uma pequena multidão assistia entretida a uma partida de chinquilha entre soldados e guardas da Intendência. Todos sabiam do braço-de-ferro entre o Exército e a Intendência-Geral da Polícia. Fora dos quartéis que se recrutara a custo a centena de homens que formaram o primeiro corpo de polícias do reino, cujas requisições do intendente-geral, o poderoso Pina Manique, os generais procuravam boicotar, receando perder poder e influência.

— Não disseste que iam ser favas contadas? — troçou um guarda, enquanto enrolava uma das pontas do bigode.

Não ligando a mais uma provocação, o sargento Leitão ajeitou a malha e fez pontaria ao fito. Desta vez o lançamento foi perfeito e a malha acertou em cheio no alvo, fazendo-o saltar no meio de uma pequena nuvem de pó.

— Agora vê se fazes melhor, Justino — respondeu, satisfeito por ter somado mais quatro pontos para a equipa.

O guarda não se ficou atrás e segundos depois também acertou em cheio no pequeno cilindro de madeira, que arrancou aplausos e vivas da multidão. A partida estava outra vez empatada e prometia emoção até ao fim.

A taberna funcionava no piso térreo de uma casa situada no meio do casario alinhado da artéria principal de Campo de Ourique. Era o local de eleição dos soldados que regressavam de licença e dos guardas da Intendência que terminavam a ronda do dia. Como todas as tabernas, era sombria. A luz natural apenas entrava pela porta principal, que se mantinha entreaberta, enfeitada por

um ramo de loureiro, para afastar os maus espíritos, e por uma pequena janela protegida por barrotes.

Joaquim Lopes empurrou a porta com cautela e entrou. Um odor intenso a borra de vinho deu-lhe as boas-vindas. Viu como Júlio, o filho mais velho do taberneiro, atendia os pedidos impacientes dos fregueses que apinhavam o interior, enquanto o pai lhe servia atrás do balcão copos de meio quartilho de tinto. Aproximou-se sorrateiramente de um rapaz que varria o chão e sem avisar aplicou-lhe uma palmada nas costas com tal violência que o tombou para cima de dois fregueses.

— Mas que raio? Tinhas de ser tu, sua besta! — reclamou Sebastião, perante a cara de gozo do amigo — Quase que me partias o lombo.

— É assim que fica rijo!

— Obrigado, mas prefiro-o suave — respondeu, esfregando a zona dorida.

— A taberna está cheia — disse Joaquim, olhando à sua volta.

— Sim. Cheia de bêbados.

— Ossos do ofício, meu caro — disse o amigo, dando um gole furtivo num copo de vinho esquecido numa mesa. — Não queres assistir à partida? Isto hoje promete.

— Não vês que estou a trabalhar? — respondeu, aborrecido, o filho mais novo do taberneiro.

— Pois é... depois conto-te!

Na rua, a partida aproximava-se do fim. A equipa dos guardas já arremessara as malhas e liderava por dois pontos. Agora seria o sargento Leitão a lançar a última. Para empatar precisava de colocá-la dentro do círculo, mas se derrubasse o fito ganhariam a partida. Tinha-o feito inúmeras vezes e quase sempre com sucesso, mas o calor daquele final de tarde estival e as constantes provocações dos guardas começavam a incomodá-lo. Puxou de um lenço e limpou o suor que lhe pingava pelo nariz. Depois chamou um dos cabos-de-esquadra que o acompanhavam na partida.

— Cabo Silva, peça ao senhor João mais um copo. Estou seco.

O copo de vinho não demorou a chegar. O sargento bebeu tudo de um trago e depois de limpar a boca na manga da casaca soltou um sonoro «Ah!...» O tinto fresco fê-lo sentir-se revigorado e mais confiante. Não tencionava perder aquela partida por nada deste mundo.

Leitão fora recrutado no Ribatejo, há mais de 20 anos, como simples praça e subira nas fileiras até atingir o posto de sargento. Nunca casara e nem tivera filhos. Costumava dizer: «A minha família são os meus camaradas de armas e o meu lar é o quartel.» Era conhecido por Sargento Disciplina e os recrutas que lhe caíam nas mãos desertavam nas primeiras semanas de instrução ou ficavam

soldados de excelência. Fora advertido várias vezes pelos oficiais para ser mais brando com os homens, mas não mudava o seu estilo. Quando o acusavam de rudeza, respondia invariavelmente: «Faço soldados de aço para que não temam o aço das baionetas.»

Possuía uma aparência assustadora. Devido a um acidente num exercício com armas de fogo ficara quase cego de um olho. A explosão do fecho de um mosquete, demasiado usado, deixara-lhe uma horrível marca de queimadura no lado direito da cara, que tentava esconder com enormes suíças negras, unidas através de um majestoso bigode. Não sendo alto, era um homem forte e robusto. Possuía uma voz grossa que soava como um canhão quando a usava para disciplinar ou corrigir os recrutas.

— Leitão! Agora tudo depende de ti. Vê lá se não te treme a mãozinha — ironizou o guarda.

O sargento olhou-o com desprezo, secando as mãos nos calções. Não queria que a malha se escapasse por causa do suor. Sabia a força que devia aplicar neste lançamento e bastava concentrar-se para acabar com aquele assunto.

Perante um silêncio geral, interrompido pelo rodopio de folhas levadas pela brisa do entardecer, começou por apontar a malha ao fito, colocado 10 passos mais à frente. Ensaiou várias vezes o movimento até que decidiu lançar. No exacto momento em que lançava, um copo de barro estilhaçou-se no chão. O sargento estremeceu por um segundo. Sem conseguir travar o lançamento, a malha foi cair para lá do fito, ultrapassando o próprio círculo. Todos soltaram gargalhadas, perante a sua falha incrível. De pé, no banco de alvenaria, junto à porta da taberna, Joaquim assistia divertido ao momento de maior tensão da partida, pensando na sorte que tivera e no que Sebastião estava a perder.

O sargento olhava boquiaberto para todo o lado, incrédulo com o que sucedera.

— Esta jogada não vale! — gritou, zangado. — Não ouviram o copo a cair no chão? O barulho distraiu-me. Tenho de repetir. Cabo Silva, passe-me outra malha!

O homem passou-lhe de imediato a peça metálica para as mãos, mas Justino deu dois passos em frente, interpondo-se entre o sargento e o fito.

— Não, Leitão! Ninguém vai repetir nada. Foi azar e isto é um jogo. A sorte e o azar fazem parte dele.

— Não foi azar! Alguém deixou cair o copo de propósito — disse, olhando para os outros dois guardas. — Foi um de vós, não foi? Seus pulhas. Nem a jogar são honestos! Devia ter adivinhado que iam usar truques para ganhar.

— Truques?! — exclamou Justino, indignado. — Vê lá a tua língua, Leitão!

Porque não te queixas ao parasita do Freire? Ganhámos a partida. Agora, paguem-nos a aposta ou vamos ter chatices.

O sargento ardia de raiva. Não ia permitir que Justino saísse dali impunemente com a batota e com a ofensa que fizera ao comandante do seu regimento. Percebendo que continuava com a malha na mão, não pensou duas vezes — deu um rápido olhar à peça de ferro, puxou o braço atrás e lançou-a contra o guarda, que não estava a mais do que cinco passos de distância.

A malha foi direita à cara de Justino, fazendo-lhe saltar os dentes da frente, por entre gritos de dor. Os colegas quiseram socorrê-lo, mas este afastou-os. Louco de raiva e sem dizer uma palavra, avançou na direcção do sargento. Tentou esmurrá-lo, mas Leitão esquivou-se, fazendo-o cair desamparado no chão e assentando-lhe um pontapé nas costelas. Um dos guardas tentou interferir, mas quando viu a expressão do sargento perdeu a coragem e recuou.

Leitão agarrou Justino pelas abas da casaca e preparava-se para lhe desferir um soco, quando ouviu uma voz familiar.

— Sargento!

Um oficial, vindo da taberna, avançou na sua direcção.

— Largue já esse homem! — ordenou.

Leitão obedeceu e largou o guarda, que se estatelou no chão.

— Exijo uma explicação para isto!

— Meu capitão, perdoe-me — respondeu, saudando o oficial. — Mas estes guardas de merda enganaram-nos no jogo e ofenderam o nosso comandante. Não podia ficar quieto. Tinha de defender a honra do regimento.

— O que diz o sargento é verdade? Ofendeu o nosso comandante? — perguntou, virando-se para Justino, que se levantava limpando o sangue da boca.

— O seu sargento não aceitou a derrota e ofendeu-nos. Disse que não somos honestos. Depois atirou-me com a malha. Esse animal partiu-me os dentes da frente!

— Mas ofendeu o nosso comandante? — insistiu o oficial.

Justino não respondeu. O que dissera era grave e o oficial parecia-lhe leal ao comandante do regimento.

— Algum de vós ouviu o que este homem disse sobre o nosso comandante? — perguntou, olhando à sua volta enquanto enchia o cachimbo com tabaco.

Todos se mantiveram em silêncio. Ninguém se queria arriscar a arranjar problemas com os guardas e dispersaram-se discretamente pela rua.

— Meu capitão, aquele pedaço de esterco — disse o sargento, apontando para o Justino — chamou o nosso comandante de parasita.

— Parasita? Huum! Isso é verdade? — perguntou o oficial.

Já de pé, Justino encarou-o e respondeu-lhe secamente.

— Capitão, eu não tenho de lhe dar satisfações. Não é meu superior! — exclamou, cuspiendo um pouco de sangue, que caiu ao lado da bota do oficial.

— Então como ficamos, sargento? — perguntou, tentando ignorar o gesto de provocação do guarda.

Foi nesse momento que o sargento Leitão reparou num rapaz.

— Tu aí! — exclamou, apontando para Joaquim. — Tu viste tudo. Sabes o que aquele merdas chamou ao nosso comandante.

O sargento agarrou-o pelo braço e levou-o diante do oficial.

— Vá, rapaz, diz ao capitão o que ouviste. Aquele monte de esterco chamou parasita ao nosso comandante, não foi?

— Senhor, eu ouvi a discussão mas não percebi bem isso que fala. Paraíta? Não sei o que é — respondeu Joaquim a tremer.

— Não é paraíta, sua besta. É parasita e foi isso o que ouviste, não foi? Diz!

— Sim, acho que foi isso. Mas não sei o que é, senhor.

Joaquim reparou na expressão de Justino, que o fustigava com os seus olhos pequenos e estreitos, que despontavam da sua cara ossuda, gelando-o até aos ossos.

— Isso não interessa, o importante é que ouviste — respondeu o sargento. — Está a ver, meu capitão? O rapaz ouviu o Justino ofender ao nosso comandante.

— Tens ouvidos grandes mas o cérebro pequeno, rapaz. Então não sabes o que significa parasita? — perguntou-lhe o oficial.

— Não, senhor — respondeu Joaquim, franzindo a testa.

— Parasita é um ser que vive à custa de outro — explicou, voltando-se para o guarda e expelindo o fumo da cachimbada na cara. — Aconselho-vos a desaparecerem daqui, antes que vos denuncie à Intendência por ofensas ao nosso comandante. O rapaz ouviu o que disse, embora a sua ignorância o impeça de compreender a gravidade das suas palavras.

Vendo que não podia contestar um oficial do Exército, não restou outra alternativa a Justino senão obedecer.

— Sim, vamos embora. Mas prometo-lhe que esta não será a última vez que nos vemos, capitão. Quanto a ti — virando-se para o sargento —, isto não vai ficar assim. O que me fizeste vai custar-te muito caro.

— Devias era agradecer-me! Poupei-te uma ida ao dentista. Esses dentes estavam uma desgraça.

Justino tentou atirar-se ao sargento, mas os colegas agarraram-no a tempo. Depois de o acalmarem abandonaram o local, sob o olhar atento do oficial, até desaparecerem da sua vista.

— Sargento, quando voltarmos ao quartel vamos ter uma conversa sobre o que se passou aqui. Entendido?

— Entendido, meu capitão.

— Agora paguem a conta e desapareçam também daqui.

CAPÍTULO 2



Joaquim entrou de rompante na taberna e foi ter com Sebastião.

— Preciso de algo forte. Não consigo parar de tremer. Não sabes o que se passou lá fora. Parecia uma batalha! — disse, aterrorizado.

— Uma batalha? Na rua? Mas o que aconteceu? Conta-me tudo!

— Não consigo. Traz-me algo forte para beber.

— Está bem, está bem, vou buscar um bagacinho para te acalmares.

Depois de descrever tudo o que vira ao amigo, e já mais calmo, Joaquim começou a matutar sobre as possíveis consequências do que acontecera. Os problemas com os guardas iriam agravar-se. Justino conhecia-o bem e não iria perdoar-lhe pelo que fizera. Teria de ter muito cuidado daí para a frente. A Intendência fazia desaparecer quem não era desejável e agora ele era um alvo.

— Se fosse a ti ficava de olho neles. Não podes andar por aqui até que passe algum tempo — sugeriu Sebastião.

— Sim, tens razão. O Justino é mau como as cobras.

— O meu pai conhece-o bem. Temos aqui contas dele por pagar. Diz sempre a rir para descontar no serviço de protecção.

— É o que ele também diz lá na oficina. O meu pai dá-lhe dinheiro todas as semanas.

— É mesmo um canalha!

— E ameaçou o sargento. Disse-lhe para ter cuidado sempre que sair do quartel.

— Não admira. Quando o Justino era sargento também andava às

turras com o Leitão. Sabias que roubava armas no quartel e depois as vendia a contrabandistas?

— Ele fazia isso?! — perguntou Joaquim, surpreso.

— Sim. Um dia apanharam um dos contrabandistas. Para se salvar da forca, confessou que as armas vinham do quartel. No dia seguinte apareceu morto na cela. Suspeitavam do Justino, mas nunca o apanharam em flagrante. Como não queriam que esse escândalo fosse conhecido abafaram tudo e ingressou na Intendência.

— Resolveram o problema ao Exército... — alvitrou Joaquim.

— Nem mais. Agora é da Intendência e continua a fazer o mesmo. Protege os assaltantes e cobra pela protecção. É um bandido de uniforme.

— Alguém devia tratar-lhe da saúde de uma vez por todas. Por Deus, se tiver essa oportunidade não hesitarei um segundo — acrescentou, tirando o canivete que levava preso na cintura.

— Não faças nada de que te arrependas! — exclamou Sebastião.

Joaquim pressionou o botão de metal e ouviu-se um estalido da ponta e mola. Contemplou-o durante algum tempo, imaginando o bom uso que lhe daria no Justino.

— É como te disse. Se tiver uma oportunidade de acabar com essa peste, não pensarei duas vezes.

Sebastião ficou em silêncio, olhando para a lâmina com um palmo de comprimento, esperando que nenhuma desgraça se abatesse sobre o amigo, mas ao mesmo tempo torcendo para que o seu desejo um dia se concretizasse.

João Henriques fora abençoado com cinco filhos, mas apenas dois tinham sobrevivido a doenças e a outros infortúnios. Júlio, já com 20 anos cumpridos, ajudava-o no negócio da taberna. Nascera coxo, o que o livrara de seis anos de serviço militar. Era popular entre os clientes e possuía a paciência necessária para lidar com os bêbados, qualidade muito importante neste negócio. Com 17 anos acabados de fazer, Sebastião tratava das tarefas menores da taberna, como varrer o chão e limpar as mesas. Fazia-o sempre a contragosto, o que lhe valia reprimendas constantes dos pais. Um caso perdido, pensava João Henriques.

Era um rapaz atraente. Por isso tinha sempre mulherio à perna. Os olhos grandes e castanhos, o sorriso sedutor e o cabelo a roçar os ombros faziam-no irresistível às raparigas que moravam na rua, o que lhe valera castigos por colocar em risco a sua suposta castidade. Também as mulheres de má vida, que rondavam a taberna, na procura de clientes, há muito que lhe haviam posto os olhos em cima. Não demorou até que uma se lhe afeiçoasse e ensinasse o melhor que o corpo feminino podia oferecer.

O trabalho na taberna aborrecia-o, mas não via como sair dali. Apesar de

saber ler e escrever, por insistência da mãe, não era inclinado para os estudos. Mostrara interesse pela profissão de sapateiro e aprendera o ofício, mas depressa percebera que não era vida para ele. Seria sempre pobre, como todos os sapateiros, e isso não estava nos seus planos.

Joaquim Lopes era o seu melhor amigo. O pai tinha uma oficina de cutilaria e morava também na Rua de Campo de Ourique. Era ruivo e possuía uma cara redonda marcada por sardas. Para Joaquim não havia segredos no que dizia respeito a facas, cutelos, navalhas, canivetes e machados, daí chamarem-lhe o Lâminas. Além de saber como fazê-las e afiá-las, era hábil no seu uso, principalmente os canivetes de ponta e mola. A sua afeição por utensílios de corte levava-o a envolver-se em problemas, que por vezes acabaram na Intendência. Nunca ferira alguém com gravidade, excepto num episódio ainda recente, quando regressava da entrega de uma encomenda.

Já escurecera quando, ao virar de uma esquina e com a pressa de chegar a casa, esbarrara num homem. De imediato se desculpara, mas, não satisfeito, o homem começou a injuriá-lo. Fora agarrado por um dos braços e já levava uma bofetada. Sem pensar duas vezes, sacou do canivete e desferiu-lhe um golpe na perna, mesmo por cima do joelho. O homem caiu no chão a gritar, agarrando-se à ferida que sangrava abundantemente. Joaquim fugiu do local a correr e só parou em casa. No dia seguinte, após contar o sucedido ao pai, apresentara-se na Intendência. Repetiu aos guardas que fora agredido, mas de nada serviu. Depois de confirmada a queixa, ficou durante quatro dias preso, até que ao final do quarto dia lhe abriram a porta da cela. O homem retirara a queixa. Tratava-se, afinal, de um negociante de gado de Santarém que viera a Lisboa fazer negócios e se embebedara nessa noite. Joaquim perguntara-se a si próprio porque o fizera. Em casa, o pai contou-lhe que uma testemunha presenciara tudo e intercedera a seu favor. Um dos guardas contara-lhe que fora um oficial do quartel, que pedira anonimato. Joaquim ainda tentou saber quem seria esse oficial, mas passado algum tempo desistiu.

Os dois amigos tinham a mesma idade, embora Joaquim tivesse nascido uns meses antes. A amizade vinha desde crianças, quando brincavam e corriam juntos pelas hortas e pomares das quintas circundantes, que conheciam como a palma das mãos. Já homens, a amizade transformara-se em irmandade. Para Sebastião, Joaquim era o seu verdadeiro irmão e essa união ficara selada em sangue, quando, ao celebrar 16 anos, Joaquim lhe oferecera um canivete.

Para mostrar o apreço por essa oferta e pela longa amizade, Sebastião propusera um pacto de sangue. Depois de terem feito um pequeno corte nas palmas das mãos esquerdas, juntaram-nas e prometeram que se cuidariam e proteger-se-iam sempre, acontecesse o que acontecesse.

CAPÍTULO 3



Diogo Saraiva acordara maldisposto. Não só bebera mais do que a conta e perdera dinheiro às cartas na taberna com amigos, como ainda teria de lidar com o comportamento despropositado do seu sargento. Depois de se fardar saiu do quarto alugado, ao cimo da Rua do Sol ao Rato, procurou a sua montada no estábulo e seguiu para o quartel de Campo de Ourique, a sede do Regimento de Infantaria da Corte, também chamado Regimento de Freire, do qual o coronel Gomes Freire de Andrade era o seu comandante nominal.

O quartel fora mandado construir de raiz pelo marquês de Pombal, no rescaldo do grande terramoto, num local chamado Campo dos Pousos. No início não passava de duas fiadas de casernas térreas, assentes sobre salas em cave, aproveitando o desnível do terreno e onde se instalaram as cavaliças e os serviços administrativos. Anos mais tarde, com a chegada do general prussiano conde de Lippe, foi construída a praça de armas, no largo defronte às casernas, e fechados os topos, dando-lhe uma forma rectangular. A fachada principal do quartel ficou no topo virado a sul, a que se acedia por uma rampa comprida, enquanto a fachada tardoz, virada a norte, dava directamente para a Rua de Campo de Ourique. Com o passar dos anos o quartel rodeou-se de casas, primeiro a norte e a nascente, depois a sul. A excepção foi a poente, devido à existência de um ramal do Aqueduto das Águas Livres que servia o quartel. Do outro lado do ramal ficava a parada, um campo plano utilizado para os exercícios e manobras das tropas, criado pelo primeiro comandante do regimento, D. Lourenço de Lencastre

e Noronha, o quinto marquês das Minas, que decidiu chamar àquele local Campo de Ourique, invocando a célebre batalha ganha pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques.

O toque de alvorada já soara quando Diogo Saraiva deixou a montada numa das cavaliças. Entrou pela fachada principal e percorreu a praça de armas em passo apressado até chegar junto do tenente Chaves, que o aguardava em sentido.

— Meu capitão, às suas ordens!

— Onde está o sargento Leitão?

— Vi-o mesmo agora a entrar para uma das casernas. Alguns homens estão atrasados para a formatura.

— Traga-o à minha presença.

— Agora, meu capitão? — perguntou, hesitante.

— Sim, agora!

O oficial saiu apressado, preocupado com o tom da ordem, e não demorou um minuto para que regressasse com o sargento.

— O meu capitão mandou-me chamar? — perguntou, desconfiando sobre o motivo daquela reunião.

— Sim, sargento, mandei. Não pense que aquilo que aconteceu ontem na taberna ficou esquecido. O que fez é inadmissível para um sargento da nossa companhia! Não somos arruaceiros, ou somos?

— Não, meu capitão, não somos.

— Mas o sargento comportou-se como um, raios me partam!

O tenente, que ouvia em silêncio, aclarou a garganta, como se lembrando ao oficial que também ali estava.

— Disse alguma coisa, tenente?

— Meu capitão, estou dispensado?

— Não, tenente. O senhor é responsável pelo sargento e deve saber o que ele anda a fazer mesmo quando está de licença. Fora destes muros, um militar continua a ser um militar e tem de honrar a farda que veste.

— Sim, meu capitão.

— Sim, o quê? Sabe o que ele fez?

— Não, senhor, não sei — respondeu baixinho, olhando de esguelha para o sargento.

— Então fique a saber que o sargento agrediu um guarda da Intendência que lhe ganhou uma partida de chinquillo.

— O Justino ganhou de forma desonesta e ainda ofendeu o coronel Freire — protestou o sargento Leitão, olhando para o tenente.

— Não me interrompa, sargento! — gritou furioso Diogo Saraiva. — O

que fez não tem desculpa. Tem uma reputação a manter. Não é à toa que lhe chamam Sargento Disciplina e agora faz isto?

— Meu capitão, se me permite dizer-lhe, o que fiz foi em defesa da honra do coronel Freire e do nosso regimento.

— Não duvido, sargento. Mas isso terá de explicar ao preboste e não a mim. Até isto se resolver está proibido de sair do quartel. Tenente Chaves, assegure-se disso.

— Sim, meu capitão. Farei como ordena.

— Estão os dois dispensados.

Esta situação do sargento incomodava-o. Conhecia Leitão há vários anos, antes de vir para Lisboa à procura de uma promoção. Comandara-o numa companhia de granadeiros, no Regimento de Infantaria de Peniche, quando era ainda um simples tenente e Leitão segundo-sargento. Além de camaradas eram também amigos e confiavam um no outro. Mas Diogo Saraiva sabia que, desta vez, Leitão fora longe de mais. Além disso, havia testemunhas e a Intendência não iria colocar uma pedra sobre o assunto. Bem pelo contrário. Seria mais uma oportunidade para provocar o Exército e, ainda pior, o regimento de Gomes Freire, o estrangeirado, como o chamavam.

— Sebastião! — chamou uma voz familiar.

O filho mais novo de João Henriques olhou para trás e viu a cara sardenta de Joaquim a surgir por trás do muro do quintal da taberna.

— O que fazes aí?

— Tenho a cabeça a prémio — disse o amigo. — Os guardas foram hoje à oficina do meu pai.

— E o que aconteceu?

— Exigiram-lhe que lhes pagasse mais. É por causa daquilo que contei ao sargento. Aquela coisa do paraíta ou parasita, já nem sei.

— E o teu pai disse-lhes o quê?

— Que não podia pagar mais porque o negócio estava fraco.

— E o Justino?

— Avisou que assim não garantia a minha protecção. Vão-me dar cabo do canastro, tal como fizeram ao Agostinho, quando lhe partiram as pernas por recusar-se a servir fiado, lembrás-te?

— Sim, já não lhe pagavam há meses. E agora? O que vais fazer? — perguntou Sebastião.

— Vou esconder-me até arranjar um plano. Não posso andar por aí como fazia antes.

— E se te encontrarem?

— Se me encontrarem, juro por Deus que levo alguns comigo — disse, decidido, batendo com a mão na cintura, onde levava o canivete.

— Se quiseses fica aqui uns dias. Vão estar a vigiar a tua casa, não é seguro voltares para lá.

— Tive uma ideia melhor. Vou esconder-me na Quinta da Graça. Aquela quinta é muito grande.

— Tens a certeza de que não vão descobrir-te lá?

— Sim, tenho. Só vim dizer-te isso. Vou passar por aqui depois de escurecer, até as coisas acalmarem. Agora só preciso que me arranjes um pouco de tinto para me aconchegar.

— Claro. Vou já tratar disso. Espera um pouco.

Sebastião voltou para a taberna e regressou com um pequeno jarro.

— Aqui tens. Vê lá se não bebes tudo hoje. Vai guardando.

— Obrigado. Vou safar-me desta, não te preocupes — disse, antes de desaparecer por trás do muro.

Como planeado, Joaquim refugiara-se na Quinta da Graça, uma das mais antigas quintas de Campo de Ourique, que ocupava toda a área a sudoeste da Rua dos Pousos até ao Caminho dos Prazeres. Descobrira que uma parte do muro que a rodeava estava semiderrubado e era por aí que entrava e saía da propriedade sem esforço. No seu interior, ao lado das cavalariças, existia um celeiro onde se armazenavam as forragens dos animais. Fora nesse local que decidira esconder-se. Era um edifício antigo, de dois pisos, mas apenas o térreo era utilizado, tornando-o num esconderijo perfeito. Além disso, a meio do soalho que separava os dois pisos existia um alçapão por onde via quem entrava no celeiro. Como as paredes do piso de cima eram feitas com tábuas de madeira, permitia também a Joaquim espreitar e observar o movimento de pessoas naquele local.

Apesar de estar aliviado por saber que ali ninguém o encontraria e que a sua vida, de momento, não corria perigo, sabia que não poderia ficar na quinta para sempre. Tinha de encontrar uma saída para a situação em que se metera.

Após passarem revista às suas companhias, os capitães foram chamados à presença do tenente-coronel Nicolau Caria, o comandante interino do regimento. Diogo Saraiva foi o último a chegar à sua sala, situada no primeiro andar do torreão nascente da frontaria do quartel. Quando entrou, o comandante aguardava-o, sentado a uma secretária, com uma expressão grave. Ao seu lado, de pé, estava o major Peres, o segundo oficial na hierarquia do regimento.

— Meus senhores! — começou por dizer. — Agora que estamos todos,

tenho algo muito importante para vos comunicar. A convenção de apoio mútuo com a Espanha será assinada em breve. Apesar de não nos considerarmos oficialmente em guerra com a França, iremos apoiar militarmente os nossos aliados. O governo de Sua Majestade negociou com a Coroa espanhola o envio de um contingente militar.

Fez uma breve pausa antes de prosseguir.

— É com muito orgulho que vos informo que este regimento fará parte desse contingente. Partimos para a Catalunha em Setembro!

Os oficiais entreolharam-se e um burburinho surgiu de imediato na sala. O que ouviram significava que estavam a pouco mais de três meses do início da campanha. A primeira das suas gerações, depois de os seus pais terem participado na Guerra dos Sete Anos.

— Sabe o que isso significa, capitão Saraiva? — perguntou o tenente-coronel, olhando directamente para o oficial.

— Sim, meu comandante. Significa que temos de acelerar a preparação das nossas tropas para a campanha.

— Nem mais, capitão. É exactamente isso! Queremos sangue novo nas fileiras e não me refiro apenas aos soldados. Nas próximas semanas vão ocorrer muitas mudanças no regimento. Precisamos de nos rejuvenescer. Caso contrário seremos um embaraço e não um auxílio para os nossos aliados.

— O meu comandante acredita que teremos as companhias prontas dentro de três meses? — perguntou um dos oficiais.

— Capitão Monte Cruz, o que eu acredito ou não é irrelevante. Temos de as ter prontas! O estado-maior espera isso dos regimentos escolhidos para a campanha. Por isso, terão de acontecer muitas mudanças aqui.

— Compreendido, meu comandante. Conte com o meu empenho para que isso seja uma realidade.

— E que regimentos vão acompanhar-nos, senhor? — perguntou um outro oficial.

— Cinco ao todo. O Regimento de Cascais, o 1.º e o 2.º do Porto, o de Peniche e o 1.º de Olivença. Corrija-me se me enganei, major.

— Está correcto, meu comandante. Essas são as unidades indicadas pelo estado-maior — respondeu o major Peres.

— Logo que a convenção seja assinada precisaremos de recrutas e voluntários para completar as fileiras das companhias. Confio em vós para que o nosso regimento seja um exemplo para todos. Mais alguma questão?

Ninguém se pronunciou.

— Se não há mais perguntas é tudo, senhores. Em breve receberão novas instruções. Estão dispensados.

— Capitão Saraiva! — chamou o major Peres. — Fique mais um pouco. Preciso de lhe falar.

Diogo Saraiva manteve-se em sentido até levar com um encontrão nas costas.

— O teu amigo Leitão voltou a fazer merda. Não foi, Saraiva? — sussurrou-lhe o capitão Monte Cruz.

— O que os meus homens fazem é da minha responsabilidade.

— Mas desta vez foi longe de mais. A culpa é tua. Já vi que és mole com os homens. A tua companhia é um bando de incapazes.

— É melhor parares por aí!

— O que vais fazer? Vais partir-me os dentes como fez o Leitão ao guarda? É assim que tratais dos assuntos lá na província? Sois uns pacóvios! — atirou-lhe, enquanto abandonava a sala.

Depois de os oficiais saírem, o major Peres e o comandante ficaram a sós com Diogo Saraiva.

— Capitão, pode explicar-me o que se passou ontem em frente da taberna do João Henriques? Todo o quartel fala nisso! — perguntou o oficial, fulminando-o com o olhar, visivelmente incomodado com o triste episódio.

— Meu major, o sargento Leitão foi provocado por um guarda e perdeu a cabeça. Mas o preboste já está a tratar do assunto e também tem ordens para não sair do quartel.

— O Leitão é um brutamontes! Não sei como um homem desses chegou a sargento — disse, virando-se para o comandante.

— Sim, ele é um pouco rude, mas também é dedicado e além disso é um soldado leal. Não há muitos assim, senhor.

— Bem, ele está na sua companhia, capitão. É sua a responsabilidade de lidar com essa besta.

— Como referi, o preboste está a apurar tudo o que se passou. Amanhã teremos uma sentença. Pode ser que aprenda a controlar-se desta vez, senhor.

— Vamos esperar que assim seja. Não quero ouvir mais nada do Leitão. Entendido?

— Entendido, meu major.

— Obrigado, capitão. Está dispensado.

Diogo Saraiva saudou os dois oficiais superiores e abandonou o gabinete.

— Este capitão Saraiva mal chegou e já nos causa problemas — começou por dizer o tenente-coronel.

— Não se apoquente, meu comandante. Eu tenho-o debaixo de olho e nem quero saber se o nosso coronel Freire o considera o melhor oficial que já serviu a seu lado.

— O coronel Freire... o único português a combater franceses. Espero que esteja a aprender como se faz — disse, com ar pesaroso.

A notícia da campanha não surpreendeu Diogo Saraiva. Esperava-a havia dois meses. Ainda era tenente no Regimento de Infantaria de Peniche quando recebeu uma carta de um velho amigo, o coronel Gomes Freire de Andrade, pedindo-lhe para que se juntasse ao seu regimento em Campo de Ourique. A razão prendia-se com a participação de Portugal, em breve, numa campanha militar contra os revolucionários franceses. Para garantir a sua resposta favorável, viera também a promessa de que seria promovido a capitão, dentro da estratégia de rejuvenescimento do regimento. Além disso, Gomes Freire precisava também de oficiais em quem confiasse. O furto de provisões e armas no regimento persistia, com a conivência dos oficiais mais antigos. Queria pôr-lhe termo, sobretudo agora que novas armas e equipamento chegariam para equipar as tropas para a campanha.

Perante esta oportunidade, Diogo Saraiva não pensou duas vezes. Depois de responder a Gomes Freire, e após a confirmação da nova patente, chegou no princípio de Maio ao regimento. A sua nomeação como capitão da 1.^a Companhia de Granadeiros foi vista por alguns oficiais como um insulto. Não era oriundo de uma família fidalga de renome, como a maioria dos oficiais do regimento, nem passara pelo Real Colégio dos Nobres. Mas como a promoção fora proposta pelo próprio Gomes Freire, não houvera uma contestação declarada, embora o olhassem com desconfiança.

A sua amizade vinha do tempo em que Gomes Freire era tenente e Diogo Saraiva apenas um jovem cadete da Armada Real. Haviám combatido os corsários argelinos nas costas do Norte de África, a bordo de naus portuguesas, em auxílio do rei Carlos IV de Espanha. Mas a vida na Marinha não lhe oferecera grandes oportunidades de progressão e Gomes Freire, poucos anos depois, pediu para regressar ao seu regimento em Peniche, com a patente de major. Diogo Saraiva juntou-se-lhe passado um ano, já como tenente. Ficaram juntos por pouco tempo. Ávido por acção e glória militares, Gomes Freire aceitou o convite de um amigo, oficial do exército austríaco, para servir nos exércitos de Catarina II da Rússia, que queria alargar os domínios do império à custa de território do sultão dos otomanos. Insistiu com Diogo Saraiva que o acompanhasse, mas a doença que na altura afectava o pai, que o colocara às portas da morte, e a educação das duas irmãs, ainda bastante jovens, não lhe permitiram acompanhá-lo.

Devido às suas acções heróicas e actos de grande bravura e coragem, o

nome de Gomes Freire começara a ser falado nos salões da capital russa, depois de liderar, de espada em punho, o assalto à cidade fortificada turca de Oczakova. A própria *Gazeta Oficial de São Petersburgo* dera conta disso, ao publicar os seus feitos.

A fama de bravura não passou despercebida à czarina. Como gesto de inegável gratidão, Catarina colocara-lhe com as próprias mãos uma espada de honra e distinguiu-o com o hábito de Cavaleiro da Ordem de São Jorge, a mais alta condecoração militar russa. Porém, as suspeitas de que a admiração da czarina ia para lá da bravura de Gomes Freire no campo de batalha, e que talvez tivesse a ver com a beleza dos seus 26 anos, provocaram invejas aos restantes oficiais e encheram de ciúmes o príncipe de Potemkine, amante de Catarina, o que fez com que a sua presença no palácio imperial começasse a ser inconveniente.

Depois de ter combatido, mais uma vez, ao serviço da Rússia, agora contra a Suécia, foi promovido a coronel, como derradeiro apreço da czarina. Regressou finalmente a Lisboa, onde após muita pressão dos seus amigos na Corte foi confirmada a patente obtida na Rússia, sendo promovido a tenente-coronel e mais tarde a coronel. Obtida a nova patente, foi-lhe atribuído o comando do Regimento de Infantaria da Corte, também chamado Regimento do Marquês das Minas, sediado em Campo de Ourique. Mas, incapaz de se habituar a uma vida de quartel, voltou a pedir licença e saiu de Portugal. Desta vez para combater, ao serviço da Prússia, os revolucionários franceses no Reno, de onde enviou a Diogo Saraiva a carta que mudaria a sua vida para sempre.

CAPÍTULO 4



José Borges tornara-se num dos mais importantes comerciantes de Lisboa e também num dos homens mais ricos da capital. A origem da sua vasta riqueza assentara nos contactos privilegiados que mantivera com a alta burguesia francesa, nos longos anos em que vivera em Paris. Conseguira, através das suas ligações políticas ao marquês de Pombal, o monopólio da importação de champanhe e conhaque franceses, além de outros produtos de luxo, como o cristal da Boémia, o que lhe proporcionara lucros fabulosos. Empreendedor por natureza, investiu os ganhos na construção de fábricas de fiar, onde se produziam tecidos, que depois eram vendidos para as colónias, fazendo a sua fortuna aumentar ainda mais.

Tinha três filhos: um rapaz e duas raparigas. Eram o fruto do casamento com uma aristocrata francesa que falecera de tuberculose em Lisboa, havia cinco anos. O filho mais velho, António, mantinha-se na capital francesa, cuidando e protegendo os negócios da família, no meio do turbilhão de acontecimentos da revolução, enquanto Luísa, que já casara, vivia em Vila Nova de Gaia com um abastado comerciante inglês, que também produzia vinho do Porto.

Com 20 anos, Isabel, a filha mais nova de Borges, regressara no início do ano a Portugal, de onde saíra ainda criança para ser educada segundo os modos franceses. Vivera com o irmão em Paris, mas a decapitação de Luís XVI e o aumento da violência na capital francesa tornaram a sua permanência arriscada. Segundo as más-línguas, o seu regresso não se deveria apenas à situação política. Falava-se à socapa, nos salões lisboetas, da paixão assolapada de Isabel

por um jovem oficial hussardo e como isso enfurecera Borges, que ordenara ao filho que a enviasse sem demora para Lisboa.

— Alfredo! Alfredo! — chamou uma voz, já meio rouca pela idade.

O mordomo entrou no enorme salão, onde José Borges lia a *Gazeta de Lisboa*, sentado num cadeirão.

— Chamou-me, senhor?

— Sim. Procure a minha filha e diga-lhe que quero falar com ela.

O mordomo subiu ansioso a escadaria que conduzia aos aposentos da família. Aproximou-se da porta de um dos quartos e encostou o ouvido. Não escutou qualquer som e decidiu bater.

— Menina Isabel — chamou.

Não obtendo qualquer resposta, bateu uma segunda vez e voltou a chamá-la, mais alto.

— Menina Isabel! Peço desculpa por incomodá-la. O seu pai espera por si no salão.

— *Oui, j'arrive* — respondeu uma voz, ainda ensonada, do outro lado da porta.

Minutos depois Isabel surgiu no salão, ainda em roupa de dormir, com uma manta de lã a cobrir-lhe as costas.

— *Bonjour, papa*. Obrigada por me acordar — disse, aborrecida. — Estava a sonhar que ainda continuava em Paris, nas mãos do meu...

— Basta! — interrompeu José Borges, levantando-se do cadeirão. — Não quero saber o que estava a sonhar e ainda menos com quem estava a sonhar.

Depois de procurar por uma garrafa de cristal com conhaque, verteu o líquido num copo e bebeu tudo de uma assentada. Já mais calmo, voltou a sentar-se.

— Como creio que deve ter percebido, tenho andado bastante cansado. Preciso de me isolar de toda esta confusão da cidade. Como o tempo está quente, decidi passar um par de dias na Quinta da Graça e gostaria que me acompanhasse. Vai fazer-lhe bem respirar ar puro e mudar de ares. O que me diz?

Isabel sentou-se ao lado do pai e reflectiu sobre o inesperado convite.

— E porque não? Já não aguento mais estar aqui fechada. *Je deviens folle* ! — respondeu.

— Excelente ! — exclamou Borges, satisfeito com a decisão da filha. — Vou mandar preparar a berlinda. Ponha numa mala o que necessitar. Saímos depois do pequeno-almoço.

Desde que chegara de Paris, Isabel mal saía do palacete, apenas acompanhando o pai nas suas obrigações sociais. Sem amigos próximos e sem o calor

dos braços do jovem oficial francês pelo qual se apaixonara perdidamente, a melancolia apoderara-se dela.

No esplendor dos seus 20 anos, Isabel Borges era uma mulher na plenitude da sua beleza e no efeito avassalador que isso produzia nos homens. Possuía uma pele incrivelmente branca e longos cabelos castanhos-claros, o que contrastava com a beleza trigueira da maioria das fidalgas portuguesas. Os olhos eram grandes e brilhantes, de tom verde-azeitona, e tinha um sorriso ensaiado e malicioso, que utilizara como suprema arma de sedução nos *salons* da aristocracia parisiense.

Ninguém ficava indiferente à sua presença e aonde quer que fosse todos a observavam. Os homens tentavam impressioná-la, na esperança de que ela lhes desse alguma atenção, mas Isabel considerava os portugueses aborrecidos, malcheirosos e rudes. Por sua vez, as mulheres mais jovens admiravam-na e desejavam ser suas amigas, tentando imitá-la no vestir, no andar e até no falar, enquanto as mais velhas desprezavam-na e criticavam o seu estilo vistoso e provocador.

Isabel Borges possuía um espírito vivíssimo e era muito culta. Lera todos os grandes pensadores e filósofos iluministas, como Rousseau, Voltaire e Diderot. Além disso falava fluentemente francês, inglês e italiano. Visitara, na companhia da mãe, as principais capitais europeias, absorvendo avidamente tudo o que via. Agora, num país atrasado, tacanho e conservador, com uma rainha beata no trono, resignara-se a um futuro triste, num casamento infeliz, certamente arranjado segundo os interesses e conveniências do pai.

— Senhor Borges. A berlinda está pronta. Quando quiser podem partir — informou o mordomo.

— Isabel! — chamou Borges do átrio do palacete. — Onde anda aquela rapariga? Isabel!

Voltou a chamar mais alto.

— *J'arrive, papa!* — Segundos depois ouviram-se passos apressados vindos do andar de cima.

O velho Borges olhou para o topo da escadaria e admirou a figura da filha enquanto descia. Trazia um vestido branco, com um pequeno xaile azul por cima dos ombros. Calçava umas botas de montar pretas e na cabeça usava um chapéu branco de abas largas. Fazia-lhe lembrar a mãe, menos no temperamento, porque Marie era dócil e submissa, o oposto da indomável e rebelde Isabel.

— *Je suis ici! Alors? On y va?* — disse Isabel ao passar pelo pai e saindo pela porta do palacete até chegar à berlinda atrelada a dois cavalos castanhos.

Era a primeira vez, em muitos anos, que Isabel voltava à Quinta da Graça. Lembrava-se com ternura dos tempos em que corria pela propriedade

na companhia dos irmãos. Aquele lugar nunca se apagara da sua memória. Aceitara o convite do pai não pela companhia, mas pelo destino.

Também José Borges adorava a quinta. Era ali que descansava do bulício da cidade. Muitas vezes arregaçava as mangas e trabalhava lado a lado com os empregados, cuidando dos animais, regando as hortas ou colhendo a fruta madura nas árvores do pomar. Passara ali muito tempo até se casar. Mas a mulher sempre preferira viver na cidade e Borges fazia tudo para agradar a *madame Borgès*. Afinal, aceitara casar com ele e vir para Lisboa. Por isso comprara o Palacete de Santa Sofia, em Alfama, bem no coração da cidade.

Pai e filha iam sentados lado a lado. Borges folheava papéis onde surgiam desenhos de plantas de um edifício, enquanto Isabel tentava ler um livro. De vez em quando desviava as cortinas e olhava para as ruas. Pensava como eram diferentes das de Paris. A parte central da cidade, que agora atravessavam, fora arrasada pelo terramoto. Ainda se viam vestígios desse terrível acontecimento ocorrido há quase 40 anos. Apesar de os lisboetas assistirem a uma nova cidade a surgir das cinzas, muitos dos males antigos de Lisboa ainda persistiam. De dia, a circulação era caótica. As ruas apinhadas provocavam constantes engarrafamentos, principalmente nas vias mais estreitas. Além disso, a maioria estava em mau estado, agravado pelo facto de muitas serem inclinadas e tortuosas. Por onde quer que passassem, viam-se grupo de mendigos aglomerados à porta das igrejas pedindo esmola aos transeuntes. Era uma praga que teimava em não desaparecer e que surpreendia os estrangeiros que visitavam a cidade.

O velho hábito de despejar os bacios pelas janelas e varandas mantinha-se. As ruas estavam pejadas de dejectos e imundícies, fazendo um cheiro pestilento pairar no ar. Raramente eram varridas, embora os proprietários pagassem uma taxa para a sua limpeza. Quando chovia com intensidade, o lixo era arrastado para o rio e as ruas das zonas altas ficavam por fim limpas. Quando isso acontecia torrentes de imundície inundavam a parte baixa da cidade e as vias transformavam-se em lodaçais de porcária, atolando as carruagens e tornando ainda mais difícil a circulação.

Lisboa era uma cidade perigosa e violenta. O próprio Borges trazia sempre uma pistola carregada dentro da berlinda e o ajudante do cocheiro levava, ao seu lado, uma clavina pronta a disparar. À noite o perigo aumentava consideravelmente. Sair de casa depois de anoitecer significava arriscar-se a ser-se assaltado ou mesmo morto. Ao contrário de outras cidades europeias, Lisboa ainda não possuía um sistema que garantisse a iluminação das ruas. Anos antes, Pina Manique iniciara um projecto de iluminação da capital, lançando um imposto

especial. Foram colocadas lanternas na maioria das ruas da cidade, mas volvido esse tempo já não funcionavam ou estavam partidas. Nunca mais foram repostas. Porém, o imposto mantivera-se. Agora, só a luz proveniente do interior das habitações e as velas que ardiam, diante das imagens dos santos nas igrejas, davam alguma claridade às ruas quando anoitecia. Para combater os bandos de assaltantes, que a coberto da escuridão assaltavam e por vezes matavam as suas vítimas, as autoridades criaram um corpo policial, composto por uma centena de guardas a pé e a cavalo, que patrulhava todos os dias os bairros da cidade. Mas a regularidade das suas rondas permitia aos bandidos planearem os ataques. Como não andavam armados, os guardas evitavam os malfeitores e, não poucas vezes, trabalhavam em conjunto.

O itinerário desde o palacete dos Borges até à Quinta da Graça, em Campo de Ourique, obrigava-os a atravessar a cidade. Isso implicava descer e subir colinas, enfrentar o péssimo estado das vias e ainda o caos originado pela circulação constante de pessoas, viaturas e animais. Apesar de a berlinda possuir uma suspensão de correias de couro, os ocupantes eram sacudidos devido ao piso irregular das ruas, e também pelos solavancos provocados pelas paragens e arranques repentinos, sempre que o caminho ficava bloqueado ou quando começavam a andar.

Com metade do percurso percorrido, Isabel começou a sentir-se enjoada e pediu ao pai para pararem um pouco. Preocupado com a indisposição da filha, Borges passou para o assento em frente, abriu uma pequena portinhola e deu instruções ao cocheiro para pararem logo que surgisse um sítio adequado e seguro.

— Minha filha, vamos parar dentro de minutos. Poderá sair para apanhar ar.

Isabel assentiu com a cabeça e voltou a espreitar pela janela. Já não via tanto casario e parecia haver mais claridade.

— Onde estamos, *papa*? — perguntou, curiosa.

— Devemos estar nas Amoreiras, minha filha — respondeu Borges, espreitando pela janela.

Sentiram como a berlinda reduzia a velocidade, até parar por completo. O ajudante do cocheiro abriu a portinhola e informou os ocupantes que o local era seguro e que podiam sair.

Borges desceu primeiro, assegurando-se de que a pistola estava pronta a disparar. Não vendo nada que pudesse constituir qualquer perigo, deu a volta à berlinda e ajudou a filha a descer. Isabel olhou à sua volta. O Largo das Amoreiras, onde o marquês de Pombal, décadas antes, ordenara que se plantassem 331 amoreiras era um cenário bastante diferente das ruas estreitas e sujas

por onde tinham passado. A mistura de odores a esterco podre, dejectos e fumo das cozinhas ficara para trás. Agora respirava-se um ar fresco e perfumado.

— *Quel bel endroit!* — exclamou, surpreendida.

Pela primeira vez, desde que deixara o palacete, esboçou um sorriso para o pai, que retribuiu, feliz por ver a filha animada.

— Sim, minha filha. Quis passar por aqui para que pudesse apreciar este local. É um paraíso ao lado do inferno que deixámos para trás.

Os edifícios de um bairro próximo chamaram a atenção de Isabel.

— É o Bairro das Águas Livres — respondeu-lhe o pai. — Ali em baixo fica a fábrica de sedas do meu amigo Ratton e ao lado está o Real Colégio de Manufacturas Nacionais. Foi o próprio marquês de Pombal que o mandou construir. Esse homem era um visionário, não haja dúvidas.

— *Oui!* Um visionário sanguinário — exclamou Isabel, dando alguns passos em frente.

— As grandes mudanças provocam sempre derramamento de sangue, minha filha. Veja o que está a acontecer em França. Tanta gente morta em nome da revolução!...

Isabel não respondeu e admirou a estrutura da mãe-d'água do Aqueduto das Águas Livres, a obra majestosa de D. João V, que sobrevivera incólume ao terramoto. Observar o aqueduto fê-la esquecer-se de tudo o que vira antes. Depois fechou os olhos e respirou fundo. Sentiu orgulho em ser portuguesa.

Após percorrerem o que restava do Largo das Amoreiras, e seguidamente de passarem pela Rua de Campo de Ourique, voltaram a deter-se mais à frente, na Rua dos Pousos, com os muros da Quinta da Graça à vista.

Sem perceber a razão da paragem, Borges espreitou pela janela.

— O que se passa, *papa?* Porque parámos?

— É uma patrulha a cavalo dos guardas do nosso amigo Pina Manique. Devem estar a perguntar ao cocheiro quem somos. Estes homens da Intendência gostam de estar bem informados.

Curiosa, Isabel deslizou a cortina e também espreitou. Um dos guardas a cavalo, que estava mesmo ao seu lado, baixou-se e descobriu-se, cumprimentando-a com um sorriso.

— Que homem horrível! — exclamou, fechando a cortina.

— Quem é horrível, minha filha? — perguntou Borges, alarmado.

— Um dos guardas. Não tem os dentes da frente. *Mon Dieu!*

Borges deu uma gargalhada e segundos depois a berlinda arrancou. A Quinta da Graça aguardava-os.